

Maria das Dores Formosinho Sanches Simões

Carlos Sousa Reis

**A Sociedade Digital e a
(Re) Construção do Humano**

revista portuguesa de
pedagogia

Extra-Série, 2011, 477-490

A sociedade digital e a (re)Construção do Humano

M. Formosinho

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

Carlos Sousa Reis

Instituto Politécnico da Guarda¹

resumo

Partindo do princípio de que a revolução digital implicou uma profunda mutação dos nossos padrões culturais e dos nossos esquemas mentais, o objectivo do presente trabalho é analisar as metamorfoses sociais e individuais provocadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação de forma a justificar a tese de que a contemporaneidade está a suscitar um novo modelo ou paradigma do humano.

Palavras-chave: Sociedade digital; novas tecnologias de informação e comunicação; economia informacional; sociedade em rede

1. A função estruturante dos meios de comunicação

No conspecto das mudanças estruturais que assinalam, a nível económico, político, social e cultural o devir da contemporaneidade, haverá que reconhecer o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação, que acarretaram não só mutações na organização prática do quotidiano como alteraram profundamente os modos antropológicos de auto-representação. Com efeito, muitos autores têm insistido na capacidade operativa que os diversos meios de comunicação têm para mudarem incontornavelmente a nossa visão dominante sobre a realidade objectiva e subjectiva. Neste enquadramento torna-se, pois, relevante a diferenciação estabelecida entre: culturas orais – marcadas por uma certa amnésia estrutural que assimila o passado ao presente; culturas quirográficas – com a sua vincada consciência da diferença entre ambos; culturas tipográficas, marcadas pelo desenvolvimento do pensamento abstracto e crítico; culturas digitais – em que, no mínimo, vemos afirmar-se uma

¹ Colaboração da Mestre M. Brito

mistura cada vez mais inextricável entre informação e entretenimento, sendo a lógica sequencial sacrificada ao heteróclito, superficial e estereotipado de uma cultura mosaico, tal como é figurada pelo meio televisivo.

Ciente desta mudança cultural, Neil Postman (1991) assimilando cada meio de comunicação a uma linguagem própria, insistiu no poder que tinham para determinar a forma e o conteúdo do que comunicamos. Certo é que se as estruturas das línguas condicionam a “mundividência” dos falantes, tal se deve ao facto de, nas suas características intrínsecas, terem o poder de moldar a forma como podemos pensar sobre o tempo, o espaço, os factos e os processos. Daí se admitir que os meios de comunicação têm um impacto determinante sobre a formação das preocupações intelectuais e sociais de cada cultura. Neste sentido, os meios de comunicação, como qualquer linguagem, possibilitam uma certa forma discursiva, pois proporcionam uma nova orientação para o pensamento, a expressão e a sensibilidade. Transcrevendo o autor, diríamos que “as nossas conversações acerca da natureza e sobre nós próprios realizam-se em qualquer ‘linguagem’ que consideremos possível e conveniente empregar. Não vemos a natureza, ou a inteligência, ou a motivação humana ou ideológica como *são*, senão como *são* as nossas línguas; e estas são os nossos meios de comunicação. Os nossos meios são as nossas metáforas, e estas criam o conteúdo da nossa cultura” (Postman, 1991, 19).

Tendo isto em mente, somos obrigados a reconhecer, como faz Ilharco (2003), a função de *background* da informação tecnológica nos nossos dias. Pois, enquanto imersos no contexto tecnológico, este afirma-se como uma constante com valor “transcendental” – para usar um termo kantiano –, isto é, definidor do nosso modo de ver o mundo e até do nosso modo de ser. Na sua reflexão, Heidegger evidenciou que a técnica não deve ser denotada apenas como um instrumento, não se define somente como tal, pois enquadra-nos o mundo de tal forma que tudo passa a ser visto como recurso ou artefacto, incluindo o humano e o conhecimento, perspectivados em termos de processos de eficiência. De modo essencial, o filósofo alerta-nos para a função constituinte das virtualidades tecnológicas, assumidas como fundamento definidor de situações e acções, que veiculam intrinsecamente certas valorizações, impõem conceitos e noções, aceleram e autonomizam tarefas, reestruturam organizações, em poucas palavras, transfiguram o humano no seu modo de ser. E esta penetração do seu poder é de tal ordem que chega mesmo a causar em nós uma certa estranheza face à realidade pré-tecnológica – de onde, de facto, emergimos. Para Cádima (1996, 12), “o processo de mudança está implícito nas formas de tecnologia dos meios de comunicação”, devendo reconhecer-se à natureza dos meios a capacidade para estruturar o modelo societal, nas suas dimensões histórica, cultural

e política. Em particular, os meios têm produzido um fluxo mediático de dominação pela sua operatividade em relação às formas económicas de produção.

Verdade é, porém, que o recurso ao determinismo tecnológico, como forma preferencial de explicação da mudança histórica, tem de ser relativizado, por induzir interpretações simplistas e reducionismos equívocos. Com efeito, a história não nos confronta com substituições bruscas de meios, tornando-se patente que, durante os séculos XV e XVI, os diversos meios orais, manuscritos e a imprensa coexistiram e interagiram, delimitando os seus espaços e funções. Subsequentemente, como nota Cruz (2002), o ritmo de inovação acelera-se e, a partir de meados do século XVIII, propulsiona-se uma dinâmica técnica que faz surgir um novo meio em cada quarto de século: em 1850, divulga-se a imprensa diária; em 1875, inventa-se o telefone; em 1900 são descobertas as ondas hertzianas; em 1925, surge o rádio; em 1950, aparece a televisão; em 1975, promove-se a teledistribuição e em 2000, a digitalização. Até 1975, torna-se claro que as indústrias mediáticas ligadas à imprensa, cinema, rádio e televisão evoluíram de modo mais ou menos independente, mas depois dessa data apostou-se na sua complementaridade com uma especialização de conteúdos. Ora, até mesmo esta especialização é tão determinada pela “vocação” do meio como pelas oportunidades e solicitações sociais. Daí que para analisar as transformações sociais introduzidas pela evolução dos meios se torne relevante fazer referência aos contextos sócio-históricos que mediatizam a natureza – política ou psicológica – das consequências de utilização desses meios. Nalgumas circunstâncias, como denota Herreros (1995, 154), “os meios parecem ser verdadeiros catalisadores das mudanças sociais, mais do que seus causadores”.

Nesta linha de análise, haverá que invocar a própria reflexão de Ortega y Gasset sobre a omnipresente forma de “cultura de massas”, que a partir dos anos trinta se foi instalando como forma institucional de produção e difusão de mensagens públicas para grandes audiências dispersas, heterogêneas e anónimas. Reconhecidamente, porém, a cultura de massas que domina o modo de vida actual é fruto, entre outros factores, de um processo de desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, ao mesmo tempo que o molda. Se queremos compreender, pois, a função estruturante dos *media*, haverá que perceber que o desencanto do mundo que se atribui às mentalidades moderna e pós-moderna, a “desconstrução” do sujeito e dos valores que se atribui ao nihilismo, a obliteração da espiritualidade decorrente do materialismo reinante no capitalismo, bem como a superficialidade generalizada dos nossos dias, não são simples efeitos de uma mutação na história das ideias, mas em grande medida sucedâneos dos processos socioculturais que os novos meios de comunicação propiciaram. A cultura do narcisismo, do individualismo e do relativismo

não é apenas um epifenómeno das teses intelectuais dos arautos da modernidade e da nossa pós-modernidade, senão que é também a chã consequência de um mundo penetrado e configurado por um conjunto de meios de comunicação resultantes de assinaláveis progressos técnicos.

Numa breve retrospectiva histórica, haverá que reconhecer, segundo Castells (2004), que a primeira grande revolução técnica inaugural do mundo moderno foi a revolução industrial do século XVIII, despoletada pela invenção da máquina a vapor. Para alguns historiadores, torna-se, no entanto, evidente que as transformações sociais, culturais e económicas ocorridas, por efeito de uma crescente industrialização, foram compassadas, pois foi só com a inovação técnica gerada pela descoberta da electricidade que a organização fabril do trabalho se expandiu, amplificando os fenómenos de êxodo rural e correlativa urbanização das massas. De referir, ainda, que a revolução industrial se estendeu do Ocidente a uma boa parte do globo. Mas essa expansão foi feita progressivamente na base de um domínio militar e colonial, atingindo sectores bem delimitados. Por contraste com esse ritmo relativamente compassado de difusão das mudanças técnicas associadas à primeira industrialização, a actual revolução tecnológica tem sido extremamente célere na sua difusão, pois sem negar a info-exclusão de vastos segmentos da população mundial, é um facto que a actual mudança tecnológica se planetarizou de forma incrivelmente rápida, operando mudanças globais que, em épocas passadas, se teriam concretizado em séculos.

Vislumbrando a rapidez destas mudanças técnicas, para nos apercebemos do crescente impacto da sua expansão, torna-se claro que as bases precursoras das actuais TICs remontam à década de 40, se bem que só trinta anos mais tarde se tivessem desenvolvido e difundido as suas aplicações. A evolução mediática comporta uma revolução iniciada na segunda metade do século XX, que estamos ainda a viver e se deve, de modo essencial, à tecnologia digital. O código binário utilizado pelos computadores, permitiu converter qualquer tipo de informação, texto, imagem, som, em sequências de dois algarismos: 0 e 1. A partir daqui, a tecnologia digital usa esta base numérica para substituir as funções contínuas dos *media* analógicos tradicionais, permitindo o controlo da tradução recíproca entre meios de comunicação diversos por intermédio de um código binário (Kittler, 1999).

Com as sucessivas experiências mecânicas e a aplicação da álgebra de Boole tornou-se, então, uma realidade, esse monstro de eficiência e de velocidade do cálculo, o computador. Os postulados de Neumann abriram caminho à interrelação funcional de elementos de *hardware* e, gradualmente, da válvula evoluiu-se para o transistor em 1947, descobrindo a sua magnífica capacidade para processar impulsos electrónicos de modo binário. Chega-se ao circuito integrado nos anos 60, um corpo de material

semicondutor em que os componentes de circuito electrónico estão completamente integrados: resistências, condensadores, transístores e diódos numa única lâmina de silício (Briggs & Burke, 2002). Em 1970, apareceu o chip de RAM (*Random Access Memory*) e, logo no ano seguinte, Marcian Hoff ideou o microprocessador, que contém a unidade de processamento de um computador dentro de um único chip. O exemplo mais paradigmático de implantação rápida destas novas tecnologias reporta-se à Internet, cujas origens decorrem do efeito de competitividade estimulante que o lançamento do Sputnik, na década de 50, provocou na América. Tudo começou em 1957, altura em que o Departamento de Defesa norte-americano funda a *Advanced Research Projects Agency* que põe a funcionar, em 1969, a primeira rede de computadores para assistir a investigação militar: a ARPANet. Em 1979, a *CompuServe* torna-se o primeiro fornecedor de serviço comercial online, havendo de aparecer mais tarde a *America On-line* e a *Prodigy*. Em 1981, a *National Science Foundation* (NSF), desenvolveu a *Computer Science Network* (CSNET). Uma rede subsquente haveria de envolver várias instituições académicas americanas, criando um mundo interconectado de comunicação, cuja dinâmica e objectivos figuram já como autónomos e alheios aos da estratégia militar. Fundamental veio a ser o desenvolvimento da standardização indispensável ao processo de comunicação: o *File Transfer Protocol*. Em 1986, aparece o NSFNET da Fundação Nacional de Ciência dos Estados Unidos que permitia intercâmbios à velocidade de 56kbps – um feito para a altura, de modo que ao fundir-se esta rede com a ARPANET se criava a base da futura Internet.

Deve destacar-se que, entretanto, de forma independente e paralela, na Europa, a invenção da *World Wide Web* foi dinamizada, a partir do *Centre Européen pour la Recherche Nucléaire* (CERN). Neste centro de investigação de Física Nuclear, um grupo dirigido por Tim Berners-Lee e Robert Cailliau fez progredir a sua pesquisa de forma completamente autónoma em relação à tradição da ARPANET, criando um formato para documentos de hipertexto (HTML) e um protocolo para transferência de hipertexto (HTTP). Foi o mesmo Tim Berners-Lee quem desenvolveu, em 1989, a ideia de uma “teia-global” – uma rede sem proprietários, aberta ao público e com hipervínculos. Finalmente, na década de 90, a Internet irrompe como meio (individual) de massas.

A “rede de redes” tinha já em 1988 cerca de 60.000 sistemas centrais, em 1992 abria-se à exploração comercial e viria a assimilar 21 mil redes em 1995, com 40 milhões de usuários e 2 milhões de computadores em 68 países. Porém havia de atingir rapidamente os 200 milhões de computadores em rede no ano de 1999 e desde então, o número de utilizadores não tem parado de crescer, atingindo, em 2011, os dois biliões de subscritores.

A revolução telemática foi, de facto, a grande responsável pela nova dinâmica incutida à sociedade actual e às suas indústrias culturais. Indubitavelmente, a recente digitalização e compactação dos sinais vieram fazer da comunicação uma realidade constante e intensa que atravessa e configura todas as dimensões da nossa sociedade (Negroponte, 1997), instituindo-se mesmo um novo paradigma técnico, em torno das novas tecnologias da informação, baseado já não em *insumos* baratos de energia, mas em *insumos* baratos de informação (Castells, 1998). A morfologia de rede, que se vem afirmando como autêntica infra-estrutura comunicacional, dadas as possibilidades de interconexão entre os meios, tem conduzido a enormes progressos no domínio da interactividade, da complexidade e consagra uma alta flexibilidade – organizativa, processual, reconfiguracional-decorrente da integração crescente das várias tecnologias.

Na confluência com todas estas inovações tecnológicas, a criação dos sistemas *multimedia*, nos meados dos anos 90, veio fomentar uma rede industrializada de produção de imagens e *design* gráfico, que produz um fluxo mundialmente expansivo e inovador de *design multimedia*. Com estas inovações, confirmam-se, ainda, os poderes criativos das velhas metrópoles industriais da Europa como sejam Paris, Londres, Munique e Moscovo, mas surgem também outros pólos de inovação tecnológica, no Oriente, em países como o Japão e mais recentemente a China, o que teve claros reflexos na própria dinâmica da economia mundial.

2. o impacto do novo paradigma comunicacional na economia e na produção do conhecimento

Paralelamente, e acompanhando este novo contexto cultural, suscita-se um acréscimo de produtividade em conexão directa com a chamada *economia de informação*, que caracteriza a nova era (M. Castells, 2004,80). Esta economia informacional que é, em vasta medida, suportada pelas *novas tecnologias da informação e comunicação*, configura-se como uma economia *mundializada* que corporiza o designado capitalismo neo-liberal. Prosseguindo uma expansão crescente de mercados suportada por uma cultura tecnológica de massas, esta nova economia de mercado desenvolve a sua capacidade por uma busca permanente de inovação que se conjuga com uma flexibilização da própria produção e uma livre circulação dos investimentos.

Na perspectiva de economistas e sociólogos poder-se-á dizer, então, que terá sido a liberalização e expansividade dos mercados, em conjugação com as novas tecnologias de informação, que propiciaram as condições estruturais necessárias às formas de capitalismo avançado das actuais sociedades industrializadas. Neste sentido,

a força dos governos políticos territoriais fragiliza-se frente ao capital internacional que ultrapassa os limites geográficos do Estado-nação para alcançar um máximo lucro com a deslocalização das próprias empresas. Com efeito, a integração global dos mercados financeiros tornou-se patente, desde os finais da década de 80, em que o fluxo dos capitais passa a ser mobilizado em função da produtividade económica e não propriamente em função da origem territorial dos agentes.

Por sua vez, esta flexibilização ajudou à recapitalização económica, contribuindo para um aumento significativo da produtividade. Como sublinha Castells, no decurso da década de 80, foi o enorme investimento nas tecnologias de informação e comunicação que desregulou o mercado financeiro tradicional, tornando possível a globalização do capital. Ou seja, foi neste período que os sectores industriais mais dinâmicos e considerados mais rentáveis se estenderam além-fronteiras, desregulando os mercados territoriais e tornando obsoletas, em vários países, as indústrias que tinham edificado a competitividade económica nacional

Neste quadro económico e laboral, atravessado por grandes mutações, torna-se evidente a complexidade do próprio processo de desenvolvimento histórico da nova *economia da informação*. Nesta economia, como tem sido assinalado, a produção do conhecimento e circulação de informação tornam-se os pilares básicos da própria produtividade. Como assinala o sociólogo espanhol, o novo paradigma tecnológico mudou a dinâmica da economia industrial, criando uma economia global e suscitando uma nova onda de competitividade entre os agentes económicos tradicionais e uma nova legião de recém-chegados. De facto, esta economia que diremos *informacional*, e não apenas baseada na informação, suscita profundas transformações sociais, culturais e institucionais que remetem para um novo paradigma civilizacional. Como exemplo expressivo de tais mudanças, no plano geopolítico, poder-se-ia referenciar a própria desagregação do comunismo soviético, que se manifestou incapaz de processar as mudanças estruturais necessárias para se adaptar a esta nova economia, no quadro de um regime que tinha uma economia estatalmente centrada. Em contrapartida, a economia informacional tem ajudado ao desenvolvimento económico das chamadas “economias emergentes” da China e da Índia. Efectivamente, e não obstante a base da produção tecnológica ter por origem algumas universidades e institutos de investigação de um certo número de países ocidentais, os produtos e os fluxos do saber tecnológico expandiram-se por todo o mundo, observando-se uma descentralização das redes de produção tecnológico-informacional que ajudou à ascensão da economia destes países asiáticos.

Em consonância com as mutações económicas produzidas pelas novas tecnologias de comunicação, a actual sociedade de informação tem vindo a proporcionar muta-

ções de grande extensão nas formas de trabalho, proporcionando um acréscimo de emprego em serviços especializados em detrimento das tradicionais actividades manufacturais. Ou seja, um crescente segmento da população activa deixou de trabalhar em actividades manuais para trabalhar em serviços de natureza intelectual que exigem um tipo de formação mais longa e especializada. Simultaneamente e de forma paralela ao desenvolvimento de profissões altamente qualificadas, características de uma economia avançada, observa-se, também, o crescimento, aparentemente contraditório de ocupações não especializadas, de baixa remuneração. Por tal razão, a economia informacional tende para uma crescente polarização da estrutura social, em que as ocupações laborais desqualificadas e as altamente especializadas aumentam, com prejuízo do que tinham sido, até agora, as ocupações laborais de nível médio (Castells, 2004,218).

De facto, o aumento previsível de ocupações mais especializadas não evitará, na perspectiva de muitos economistas, uma crescente dualização laboral entre “os profissionais do conhecimento” e os trabalhadores manuais. Prevendo esta crescente polarização, Castells prevê uma estratificação laboral/social em quatro grandes grupos: a classe superior de gestores, a classe média de técnicos especializados e operadores ligados a funções artísticas e criativas, a classe média baixa de empregados de escritório e operários especializados e a classe baixa de trabalhadores agrícolas e trabalhadores manuais de serviços.

Evidentemente que, nestes processos de transformação do trabalho, muitas formas arcaicas de organização sócio-laboral sobreviverão na economia informacional, mas as metamorfoses organizacionais, induzidas pelas TICs, têm sido extensas e profundas, abrangendo segmentos populacionais cada vez mais numerosos em todas as partes do mundo. Com efeito, os sistemas de informação interactiva são hoje a base do escritório automatizado, em que múltiplos micro-computadores conectados formam uma rede interactiva que é capaz de processar e comunicar informação em tempo real. Uma outra transformação laboral da era digital tem claramente a ver com a mecanização de muitas tarefas que outrora eram desenvolvidas por sistemas humanos. Neste sentido, é de prever que as tarefas mais rotineiras poderão vir a ser mecanizadas, dispensando recursos humanos, e reduzindo, como tal, as possibilidades de emprego para as futuras gerações.

Sem sombra de dúvida que as novas tecnologias de informação têm implicado profundas metamorfoses a nível cultural, societal e económico. Com propriedade se afirma que o debate em torno da cultura *pós-moderna* se polariza, em extensa medida, nos efeitos destas novas tecnologias da comunicação que têm vindo a modificar as sociedades e os indivíduos, sendo que a emergência da comunicação de massas é

um dos aspectos configurativos da cultura contemporânea. Na realidade, a *comunicação de massas* pré-digital tinha já transformado, de forma profunda, os modos de percepção e os padrões interactivos entre os sujeitos e grupos nas sociedades actuais. Podendo ser entendida como uma forma institucionalizada e mercantilizada de bens simbólicos, os meios pré-digitais de comunicação de massas, como a rádio e a televisão, tornaram *pública* a circulação de produtos culturais e de concepções ideológicas, ampliando a acessibilidade dos diversos segmentos da população a produtos simbólicos, outrora destinados a meios mais restritos.

De forma visionária, esta mutação cultural com efeitos sociais e individuais, provocada pelos *mass media* tinha sido já analisada, na década de 60, por MacLuhan, que havia publicado, em 1964, a conhecida obra *Understanding Media* que o impôs, desde logo, como um especialista dos novos meios de comunicação. O reputado professor canadiano interessou-se pela configuração das novas formações culturais propiciadas pela emergência dos meios de comunicação de massas, em que a televisão podia ser facilmente caracterizada como um meio mediático, por excelência. O conceito de *aldeia global*, que foi introduzido pelo investigador, tornou-se verdadeiramente paradigmático da mutação histórica que havia sido propiciada por este novo meio electrónico. Dir-se-ia que a televisão representava o fim da “Galáxia Gutenberg”, que é um sistema de comunicação essencialmente dominado pela escrita e pelo sentido da visão. Se a invenção da imprensa se tinha tornado o pilar da modernidade e o instrumento essencial de formação da mentalidade, a televisão tem o entretenimento como objectivo prioritário. Ou seja, na versão de MacLuhan, a diversão é a *supra-ideologia* de todo o discurso mediático e, por isso mesmo, a comunicação televisiva afigura-se como um novo *medium*, caracterizado pela simulação sensorial da realidade e por uma cultura mosaico que procura tornar acessível o conteúdo das suas mensagens. Fomentando a passividade, a cultura televisiva constituiria um modelo consumado de uma *cultura de massas*, que alguns vêem como uma grande evolução social e outros, de forma crítica, consideram constituir um retrocesso cultural.

A própria perspectiva do intelectual canadiano não deixava de ser analítico-crítica face à cultura televisiva, salientando que os *media* proporcionavam uma nova ecologia cultural. Com efeito, no contexto de uma abordagem multidimensional, o investigador compreendeu que os *media* configuravam um novo contexto envolvente de organização sensorial e mental dos sujeitos, podendo ser assimilados a um novo contexto *ecológico* que, de forma imperceptível, modela os comportamentos dos indivíduos, tornando invasivas as suas influências. Daí a célebre afirmação de que “a verdadeira mensagem é o próprio meio”. Ou seja, para o investigador de Toronto, o poder de transformação cultural dos *media* adviria, essencialmente, não do conteúdo

das mensagens veiculadas, mas das próprias modalidades instrumentais da comunicação. Os *media* ao estruturarem-se como prolongamentos dos nossos sentidos, mediatizam uma relação diferenciada dos sujeitos com o mundo envolvente, tornando a tecnologia operativa das nossas próprias consciências. Neste sentido, e invocando a configuração de uma cultura *mosaico* na televisão, MacLuhan denota o facto de este tipo de cultura já se ter esboçado na imprensa popular que antecipou o advento das grandes mutações técnicas, nos finais do século XIX. Só que o novo meio televisivo pressupõe uma imersão perceptiva mais profunda que mobiliza a globalidade do ser dos sujeitos, podendo incapacitar -lhes uma distanciação crítica face ao que lhe é proposto. É, neste sentido, que o autor se refere à geração televisiva como “míopes culturais”, o que denota os seus sentimentos ambivalentes face à caixinha que havia transformado o mundo, evidenciando, igualmente, o efeito de contração do tempo e do espaço que este novo meio mediático permitiu ainda antes do aparecimento da Internet. O facto é que o conceito de *aldeia global* que tanta projecção teve tornou-se ainda mais operacional com a nova geração dos *media*, sendo que a Internet permite hoje uma interactividade à distância que torna profundamente operacional o conceito de *aldeia global*, a que fazia referência o investigador de Toronto, para falar do impacto da televisão que começava a ser transmitida por via satélite.

Verdade é que sem ter vivido para assistir às grandes mutações introduzidas hodiernamente pelos novos *media*, MacLuhan soube antecipar, de forma claramente lúcida e precursora, o novo paradigma civilizacional que está a emergir por efeito das novas tecnologias da informação e comunicação. Neste sentido, e sem pretender minimizar o impacto cultural dos *mass media* clássicos, forçoso é perceber que uma nova e profunda mutação cultural ocorreu, na segunda metade dos anos 90, quando se operou uma fusão entre os *mass media* da primeira geração e os sistemas digitais de comunicação. A integração dos vários sistemas de comunicação no novo sistema *multimedia*, caracterizado pela integração dos diferentes media e pelas suas capacidades interactivas, veio tornar ainda mais extensivo e globalizado o poder da realidade virtual. A Internet, através da qual podemos ter hoje acesso a jornais, filmes, videoclips e programas televisivos, tornou-se numa *super auto-estrada da informação*. Nesta grande fusão digital dos vários sistemas de comunicação, promove-se uma *nova cultura da realidade virtual* que absorve e reconfigura as culturas tradicionais. Por todo o planeta, seja na Europa, América ou Ásia, a comunicação *multimedia* desenvolve-se induzindo uma integração de todas as mensagens num padrão cognitivo comum, que captura, dentro do seu domínio, toda a diversidade das expressões culturais. O advento destes novos *media* digitais vem, na realidade, pôr fim à separação e distinção entre os meios de comunicação audiovisuais e os *media* impressos, esbatendo

a distinção entre as formas de cultura popular, mais ligadas ao entretenimento e as formas de cultura erudita, mais ligadas à informação. Ou seja, as várias modalidades de expressão cultural, desde as mais elitistas às mais populares, fundem-se agora neste universo digital que vai constituir assim um novo meio simbólico, onde toda a realidade se torna virtual.

3. o meio digital e os processos de construção auto-identitária dos sujeitos: rumo a um novo paradigma do humano?

Torna-se evidente para muitos autores que esta nova geração de *media* digitais tem vindo a condicionar, de uma forma ainda mais profunda e extensiva, os afectos dos sujeitos e os processos de construção da sua auto-identidade. Na sua obra intitulada, *A segunda era dos media* (2000), Mark Poster relaciona este acréscimo do fluxo de informação com a produção de realidades virtuais que colocam os indivíduos dentro de mundos alternativos. Tornando-se a realidade, a que os sujeitos têm acesso, cada vez mais simulacional, é de prever que as suas identidades se configurem em bases muito mais instáveis, heteróclitas e difusas.

De facto, a simulação proporcionada pelos *media* tecnológicos torna fluida a representação da nossa própria identidade/corporeidade que, de forma tradicional, se ancorava na própria delimitação dos contextos territoriais e culturais em que o sujeito se inscrevia. Ora o desenvolvimento dos novos dispositivos técnicos tornam dispensável a materialidade da comunicação presencial, configurando modalidades interactivas em que os sujeitos comunicantes podem estar distanciados de muitos milhares de quilómetros. Nos mitos ficcionais que se criam em torno destes novos ambientes virtuais de comunicação, poder-se-á dizer que o Sujeito se desmaterializa e deslocaliza numa permanente fronteira entre a materialidade da sua corporeidade que presencialmente o identifica e a imaterialidade das formas de comunicação à distância. Pois, neste novo mundo virtual, em que as imagens se projectam como a realidade dos nossos próprios desejos, dilui-se a fronteira entre o real e o irreal e os sujeitos deslocalizam-se dos próprios territórios concretos de pertença que antes os definiam, inscrevendo a sua identidade em relação com um espaço local concreto. Ou seja, a realidade virtual torna-se “o lugar de inscrição” dos indivíduos, confrontados com uma realidade simulacional gerada por computador que altera definitivamente as bases sólidas e estáveis que outrora constituíam os pilares de formação da sua própria auto-identidade.

De facto, começa a tornar-se evidente que a técnica não interfere apenas no domínio da natureza e das formas de produtividade, mas transmuta a própria subjectivi-

dade dos indivíduos. É, neste sentido, que Maria Teresa Cruz (2002) fala de “uma construção alucinatória” da nossa experiência sensível, na medida em que a nossa experiencição do mundo é cada vez menos modelada pela fisicalidade da nossa condição orgânica e sim pela mediação de toda uma aparelhagem tecnológica que se interpõe na relação entre sujeito e mundo. Nesta ligação cada vez mais íntima entre o nosso psiquismo e a mecanização tecnológica que o instrumentaliza, a construção da identidade torna-se tão difusa quanto as imagens que se projectam e fluem no écran. Nesta realidade virtual, em que a identidade humana se alimenta de uma quase consubstancialidade com a imagem, é natural que o próprio paradigma humano se comece a configurar com o da máquina, com que se conecta. E certo é que nesta reflexão especular do sujeito para a máquina e da máquina para o sujeito, potencia-se um novo paradigma antropológico, em que o homem que produziu a técnica só pela técnica se passa a reconhecer na sua identidade.

Bibliografia

- Alonso, A. & Arzoz, I. (2002). *La nueva ciudad de Dios. Un juego cibercultural sobre el tecnohermetismo*. Madrid: Siruela.
- Babo, M. A. (2001). Para uma semiótica do corpo. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 29, 255-269.
- Briggs, A. & Burke, P. (2002). *De Gutenberg a Internet: una historia social de los medios de comunicación*. Madrid: Taurus.
- Broncano, F. (1995). La simulación y la realidad en los sistemas de funciones. El caso de los sistemas cognitivos. In F. Broncano (ed.), *Nuevas meditaciones sobre la técnica*. Madrid: Trotta.
- Burke, J. & Ornstein, R. (2011). *Del hacha al chip. Cómo la tecnología cambia nuestras mentes*. Barcelona: Planeta.
- Cádima, F. R. (1996). *História e crítica da comunicação*. Lisboa: Edições Sécuro XXI.
- Castells, M. (1998). *La era de la información: Economía, sociedad y cultura*. Vol 1. Madrid: Alianza Editorial.
- Castells, M. (2001). *A Galáxia Internet - Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2004). *The rise of the network society*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Choza, J. & Choza, P. (1999). *Ulises, un arquetipo de la existencia humana*. Barcelona: Ariel.
- Cremades, J. (2001). *El paraíso digital. Claves para entender la revolución de Internet y las telecomunicaciones*. Barcelona: Plaza & Janés.
- Cruz, J. C. (2002). *Introdução ao estudo da comunicação: Imprensa, cinema, rádio, televisão, redes multimédia*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Cruz, M. T. (2002). Técnica e afecção in J.A. Bragança de Miranda e M. Teresa Cruz *Crítica das ligações na era da técnica*, Lisboa:Tropismos.

- Dahrendorf, R. (2007). *El recomienzo de la historia. De la caída del Muro a la guerra de Irak*. Buenos Aires: Katz Editores.
- Ellul, J. (1977). *Le système technicien*. Paris: Calmann-Lévy.
- Estefanía, J. (1998). *Contra el pensamiento único*. Madrid: Taurus.
- Gates, B. (1995). *Rumo ao futuro*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Gralla, P. (1996). *Cómo funciona Internet*. Madrid: Prentice May.
- Griffin & Park, E.J. (2007). *Media ecology of Marshal McLuhan*, Online chapter. Obtido de <http://www.afirstlook.com/docs/mediaecology.swf> , 1-30.
- Habermas, J. (1988). La modernidad: Un proyecto inacabado. In *Ensayos políticos*. Barcelona: Península
- Heidegger, Martin (2000) *Carta sobre el humanismo*. Madrid: Alianza Editorial (v.o. 1947)
- Herreros, M. C. (1995). *Información audiovisual: Concepto, técnica, expresión y aplicaciones*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Ilharco, F. (2003). *Filosofia da informação: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão*. Lisboa: Universidade Católica.
- Ilharco, F. (2004). *A questão tecnológica – Ensaio sobre a sociedade tecnológica e contemporânea*. Cascais: Principia.
- Kittler, F. (1999). The history of communication media. Obtido em 17 de Fevereiro de 1999 de <http://www.cttheory.com/ga1.14.html>
- Lipovetsky, G. (1989). *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Lucas Marín, A. (2000). *La nueva sociedad de la información. Una perspectiva desde Silicon Valley*. Madrid: Trotta.
- Masuda, Y. (1984). *La sociedad informatizada como sociedad postindustrial*. Madrid: Fundesco. .
- McLuhan, M. (2004). *Pour comprendre les médias - Les prolongements technologiques de l'homme*. Traduction de Jean Paré. Paris: Editions Seuil.
- Melucci, A. (2001). *Vivencia y convivencia. Teoría social para una era de la información*. Madrid: Trotta.
- Negroponte, N. (1997). *El mundo digital*. Barcelona: Ediciones B.
- Norman, D. A. (1994). *Things that make us Smart. Defending Human Attributes in the Age of the Machine*. Massachussets: Addison-Wesley P.C.
- Ortega Y Gasset, J. (1965). *Meditación de la técnica*. Madrid: Espasa Calpe.
- Pereira Miguel Baptista (1995) "A crise do mundo da vida no universo mediático Contemporâneo", *Revista Filosófica de Coimbra* ,8, 273-277.
- Pérez Jiménez, J.C. (2000). *Futuro.com. Utopía y paranoia ante las nuevas tecnologías*. Mérida: EE.
- Poster, M. (1997). Cyberdemocracy. In David Holmes, *Virtual Politics* (pp. 212-28). London: Sage.
- Poster, M. (2000). *A segunda era dos media* (tradução de M. J. Taborda e A. Figueiredo). Oeiras: Celta Editora.
- Postman, N. (1991). *Divertirse hasta morir: El discurso público en la era del "show business"*. Barcelona: Ediciones de la Tempestad.
- Pross, H. (1999). *Atrapados en la red mediática. Orientación en la diversidad*. Hiru: Estella.
- Ramonet, I. (1998). *Internet, el mundo que llega*. Madrid: Alianza.
- Rodrigues, A. D. (1997). *Estratégias da Comunicação. Questão comunicacional e formas de sociabilidade*. Lisboa: Editorial Presença.

- Roszak, T. (1988). *El culto a la información. El folclore de los ordenadores y el verdadero arte de pensar*. Barcelona: Crítica.
- Simone, R.(2001). *La tercera fase. Formas de saber que estamos perdiendo*. Madrid: Taurus.
- Soete, L. (Coord.) (1997). *Construir a sociedade europeia da informação para todos. Relatório final do grupo de peritos de alto nível*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Terceiro, J.B. & Matias, G. (1996). *Digitalismo. El nuevo horizonte sociocultural*. Madrid: Taurus.
- Thompson, J. B. (1998). *Los media y la modernidad. Una teoría de los medios de comunicación*. Barcelona: Piados.

résumé

Tout en tenant compte du fait que la révolution digitale a eu par conséquence une profonde mutation de nos valeurs culturelles et de nos schèmes mentaux, on prétend dans ce travail esquisser les métamorphoses sociales et individuelles suscitées par les nouvelles technologies de la communication de façon à rendre justifiable la thèse de l' émergence d' un autre paradigme autor de la représentation de l' humain.

Mots-clé: Société digitale; nouvelles technologies de communication; économie informationnelle; société en réseau

Abstract

Drawing from the assumption that the digital revolution has entailed a deep mutation in our cultural patterns and mental schemata, the present research aims at analysing the societal and individual changes provoked by new information and communication technologies in order to validate the hypothesis according to which we are currently witnessing the emergence of a new model or paradigm of human being.

Key-words: Digital society; information technologies; informational economy; network society.